

## VOZES DO AVIVAMENTO: O IMPACTO DA PREGAÇÃO DE EDWARDS, WHITEFIELD E WESLEY NO EVANGELICALISMO DO SÉCULO XVIII

Gustavo Albernaz<sup>1</sup>

### RESUMO

O autor abordou a vida, a pregação e o impacto de três figuras proeminentes do movimento evangélico de língua inglesa do século XVIII: Jonathan Edwards, George Whitefield e John Wesley. Jonathan Edwards foi um destacado pregador americano, cuja trajetória incluiu uma educação sólida e um ministério influente durante o Primeiro Grande Avivamento. Suas pregações eram marcadas pela profundidade doutrinária e simplicidade. A análise aproximou Edwards dos puritanos e comparou seu estilo ao de George Whitefield. Whitefield destacou-se por sua pregação ao ar livre, que atraiu grandes multidões na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Sua abordagem eloquente e uso de técnicas teatrais são algumas das marcas de sua pregação. Wesley foi co-fundador do metodismo e inovou ao adotar a pregação de leigos em seu movimento. Através da expansão do metodismo e da inclusão de pregadores leigos, Wesley consolidou o movimento como uma força global significativa. Refletiu-se sobre o legado de cada figura, destacando suas contribuições para a pregação e o desenvolvimento do movimento evangélico de sua época.

**Palavras-chave:** Pregação. Século XVIII. Jonathan Edwards. George Whitefield. John Wesley.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo investigará o impacto da pregação de três dos maiores nomes do movimento evangélico do século XVIII: Jonathan Edwards, George Whitefield e John Wesley. Esses pregadores, através de suas distintas abordagens homiléticas e estratégias de evangelização, foram protagonistas no Primeiro Grande Avivamento, influenciando profundamente o cenário religioso de sua época. A pesquisa focará nas características singulares de cada um, observando como suas pregações não apenas moldaram o evangelicalismo em seus contextos imediatos, mas também deixaram um legado que se estendeu ao longo dos séculos e continentes.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral pelo programa de pós-graduação em Teologia da PUC-Rio; Mestre em Teologia pela FABAPAR; Graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (STBSB). E-mail: <gustavo.greenfruit@gmail.com>, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4218034775656549> e ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0000-1781-7592>.

Este estudo será realizado com o objetivo de entender como Edwards, Whitefield e Wesley influenciaram o evangelicalismo, tanto no Reino Unido quanto nos Estados Unidos, e de que forma suas contribuições ainda ressoam no evangelicalismo contemporâneo. A metodologia da pesquisa incluirá uma análise histórica e teológica das pregações e práticas ministeriais desses três líderes, utilizando como base suas biografias, sermões e a literatura acadêmica disponível. O problema de pesquisa a ser explorado será: De que maneira a pregação de Edwards, Whitefield e Wesley moldou e fortaleceu o evangelicalismo no século XVIII?

O estudo é relevante porque busca compreender como essas figuras-chave contribuíram para o desenvolvimento de novas formas de pregação e expansão religiosa, elementos que permanecem influentes em movimentos evangélicos modernos. Ao focar no legado de Edwards, Whitefield e Wesley, elucidar-se-á como suas práticas de pregação impactaram o movimento evangélico global e fornecerão uma compreensão mais profunda do papel desses pregadores na história do cristianismo.

## **1. 1. JONATHAN EDWARDS: O PURITANO QUE MOLDOU O GRANDE AVIVAMENTO**

Packer afirma que “Edwards foi um puritano nascido fora do tempo” (1996, n.p.). Segundo ele, “Edwards foi um puritano autêntico; de fato, um dos mais puros e maiores de todos os puritanos” (1996, n.p.). Edwards é, segundo Lawson, “considerado o ministro mais distinto que já agraciou a igreja americana” (2010, n.p.).

Truesdale conta que Jonathan Edwards nasceu em 1703, filho do ministro puritano Timothy Edwards e de Esther Soddad, em East Windsor, no estado de Connecticut (TRUESDALE, 2020, p.11). Edwards, segundo Lawson (2010, n.p.), era dotado de uma extraordinária inteligência; teve um ensino elementar e secundário de excelente qualidade. Sobre sua educação e conversão, este autor escreve que seu pai o matriculou, aos treze anos, na Collegiate School de Connecticut, que veio a se tornar a renomada faculdade de Yale.

De acordo com Lawson (2010, n.p.) foi em 1720, após uma formação excepcional, que Edwards se formou como o melhor aluno de sua turma. Imediatamente, Edwards

iniciou, na mesma instituição, o seu mestrado. Foi no segundo ano de seu mestrado que Edwards se converteu ao cristianismo.

Lawson (2010, n.p.) conta que, em 1723, Edwards formou-se em Yale, com o grau de mestre em humanidades. Depois disso, Edwards trabalhou por um período na Igreja Congregacional em Bolton, Connecticut, antes de voltar para Yale com o intuito de assumir um cargo de instrutor (1724-1726). Foi então que conheceu a jovem Sarah Pierpont, com quem veio a se casar em julho de 1728.

Nessa época, escreve Lawson (LAWSON, 2010, n.p.), Edwards tinha grande dúvida se prosseguiria na carreira acadêmica ou no pastorado. Ele veio a escolher o mesmo caminho de seu pai e avô materno, o pastorado. Logo que tomou sua decisão, ele aceitou servir como pastor auxiliar em Northampton, Massachusetts, juntamente com seu avô materno. Após a morte do seu avô, Truesdale escreve que Edwards assumiu o cargo de pastor desta congregação e se tornou o pregador mais influente do oeste de Massachusetts (TRUESDALE, 2020, p.12).

Lawson conta que (2010, n.p.) foi no período em que estava à frente da igreja de Northampton que ocorreu o chamado o Primeiro Grande Avivamento, de 1740-1742. Um grande nome deste Avivamento foi George Whitefield. Edwards convidou esse pregador para pregar em sua igreja e chorou com sua pregação. Esse avivamento, de acordo com McGrath, percorreu toda a Nova Inglaterra: “registros contemporâneos falam de imensas reuniões ao ar livre que, às vezes, atraíam 20 mil pessoas” (2012, p. 158).

De acordo com Marsden (2015, p.100-104), esse avivamento alcançou seu auge em 8 de julho de 1741, quando Jonathan Edwards pregou aquela que seria a sua pregação mais famosa: “Pecadores nas mãos de um Deus irado”. Sobre essa pregação, Marsden (2015, p.100-104) conta que, mesmo não tendo a eloquência de seu contemporâneo George Whitefield, Edwards, com seu manuscrito em mãos e com pouco contato visual com seu público, pregou uma mensagem tão poderosa que as pessoas começaram a reagir gritando e se agarrando ao que estava ao seu alcance, pois temiam que suas almas estivessem indo direto para o inferno. Devido ao tumulto causado, Edwards nunca conseguiu terminar essa pregação que, ao final, enfatizava as misericórdias de Deus.

Lawson aponta que “apesar dos sucessos do ministério de Edwards em Northampton, por mais de duas décadas, seu afamado pastorado chegou a um abrupto e amargo fim” (2010, n. p), devido a uma controvérsia sobre quem poderia tomar ou não a Ceia do Senhor. Ele discordava da opinião do seu avô, a quem sucedera no ministério.

Com isso, observa Lawson (2010, n. p.) várias famílias de sua comunidade decidiram afastá-lo em 22 de junho de 1750, porém, Edwards permaneceu por mais um ano, até que seu sucessor fosse escolhido. Quando sucedeu tal fato, ele aceitou um chamado para ser missionário e pastor entre os indígenas em Stockbridge, Massachusetts.

Foi no verão de 1751 que, segundo Forrest (2020, p. 545), Edwards foi para o campo missionário, em uma pequena congregação inglesa entre o povo moicano. Sobre o restante de sua jornada, McGrath (2012, p. 159) conta que Edwards, em 1757, foi convidado para ser presidente da Faculdade de New Jersey (hoje Universidade de Princeton), cargo que prontamente aceitou. Após uma inoculação malsucedida contra a varíola, ele morreu em 22 de março de 1758, aos 54 anos.

As características da pregação de Edwards o colocam próximo aos puritanos, já que, para Packer, “ele pregava com um alvo tríplice: levar os homens a entenderem, sentirem e responderem à verdade do evangelho” (1996, n. p.), muito semelhante ao método dos puritanos que “esboçavam seus sermões de acordo com esse tríplice “método” de proposição, prova e aplicação – abertura, doutrina e aplicação” (1996, n. p.).

As pregações de Edwards se caracterizavam, ademais, segundo Packer, por seu estilo simples e pelo fato de ele ler todo o seu sermão, o que não quer dizer que ele não pregasse de “forma direta, autoritária e poderosa” (1996, n. p.). Outra característica peculiar de suas pregações era o fato de ele usar roupa e peruca acadêmica para se apresentar, como aponta Forrest (2020, p. 543).

Forrest (2020, p. 560-562) caracteriza a pregação de Edwards como uma pregação, em primeiro lugar, doutrinária; em segundo lugar, como uma pregação que se concentrava mais no conteúdo do que na estética; em terceiro lugar, como uma pregação recheada de ilustrações bíblicas (raramente Edwards contava uma história pessoal nos sermões); e, em quarto lugar, uma pregação minuciosamente preparada, pesquisada e organizada.

É uma grande ironia, afirma Truesdale, que “o teólogo mais brilhante e criativo dos Estados Unidos, Jonathan Edwards, seja popularmente reduzido a uma caricatura de seu célebre sermão de 1741, “Pecadores nas mãos de um Deus irado” (2020, p. 11). Para que não fique essa impressão errada sobre sua pregação, mostra-se a seguir um trecho do seu sermão “Deus, a melhor porção do cristão”, baseado no texto do Salmo 73.25, no qual Edwards exalta a alegria encontrada em Deus:

Portanto, podemos aprender que quaisquer que sejam as mudanças pelas quais passe o justo, ele é feliz. Isso porque Deus, que é imutável, é sua porção preferida. Embora enfrente perdas temporais, seja privado de muitas, sim, até mesmo de todas as alegrias transitórias, contudo Deus, a quem prefere acima de tudo, ainda permanece, e não pode ser perdido. Enquanto está neste mundo mutável, cheio de problemas, é feliz, pois sua porção escolhida, sobre a qual constrói o fundamento de sua felicidade, está acima do mundo e acima de todas as mutações. E quando vai ao outro, ainda é feliz, pois sua porção permanece. Pode ser privado de tudo, exceto de sua principal porção; sua herança permanece segura. Pudessem os homens de mente carnal encontrar um modo de assegurar para si as alegrias terrenas, em que seus corações estão principalmente firmados, de forma que não pudessem ser perdidas nem diminuídas enquanto vivessem, como considerariam grande privilégio, ainda que outras coisas que estimam em menor grau estivessem sujeitas à mesma incerteza de agora! Por outro lado, esses prazeres terrenos, nos quais os homens depositam principalmente seus corações, são, com frequência, transitórios. Mas como é grande a felicidade daqueles que escolheram a Fonte de todo bem, que O preferem a todas as coisas no céu ou na terra, e que jamais podem dEle ser privados por toda a eternidade! (EDWARDS, 2014, n. p).

Beeke chega até mesmo a desejar que “em nossos dias, pudesse ser dito sobre mais pregações de pastores o que foi dito sobre a pregação de Jonathan Edwards (1703-1758): toda a sua doutrina era aplicação, e toda a sua aplicação era doutrina” (2019, p. 43). Packer ainda destaca que:

O fato é que Edwards pregava com elevado grau de poder. Humanamente falando, ele era dotado de um dom único de fazer as ideias adquirirem vida, por meio da brilhante precisão com que as expunha. Ele ia desdobrando, diante das mentes, uma série de raciocínios com uma exatidão lenta e suave, quase hipnótica, em seu poder de captar a atenção dos ouvintes sobre os sucessivos desdobramentos da verdade. Se Edwards tivesse sido apenas um mestre perito em economia, sem dúvida se teria destacado nesse campo nos salões de conferência. No púlpito, a esse compelidor poder de exposição, era acrescentada extrema reverência, que expressava seu temor a Deus, temor este que não se afastava de seu espírito; e o resultado era uma pregação à qual as audiências não podiam resistir e da qual não conseguiam esquecer. Edwards podia fazer duas horas parecerem vinte minutos enquanto penetrava na consciência de seus ouvintes com as antigas e claras verdades sobre pecado e salvação; e a calma

majestade de sua inexorável análise era tão usada por Deus, para fazer os homens sentirem a força da verdade, quanto a arapsódica veemência de George Whitefield (PACKER, 1996, n. p).

É sobre esse último pregador mencionado, que, segundo Broadus afirma possuir uma “oratória apaixonada” (1876, p. 223), que viveu na mesma época de Jonathan Edwards e foi um dos grandes evangelistas da história, que se passa a discorrer: George Whitefield.

## **2. GEORGE WHITEFIELD: MESTRE DA PREGAÇÃO AO AR LIVRE**

Lawson diz que George Whitefield foi “a força por trás do movimento evangélico britânico e do primeiro Grande Despertamento” (2014, n. p.). Segundo Forrest (2020, p. 590), ele nasceu em 16 de dezembro de 1714, em Gloucester, Inglaterra, e desde a tenra infância, começou a desenvolver seu interesse por teatro e oratória pública

Truesdale (2020, p. 44-45) afirma que, com 18 anos, George ingressa no Pembroke College em Oxford, onde foi apresentado a um pequeno grupo de estudantes conhecidos como “Clube Santo de Oxford”, que tinha entre seus membros Charles e John Wesley. Esse grupo se reunia para orar, jejuar e estudar a Bíblia, mas nenhum deles era convertido ainda, o que causa estranheza para o leitor moderno, mas esse fato é atestado por outras fontes, como os escritos no diário de John Wesley (2017, n. p).

Foi só aos 21 anos que, segundo Lawson (2014, n. p.), Whitefield se converteu. Neste tempo, os irmãos Wesley saíram em missão e deixaram o Clube Santo aos cuidados de Whitefield, que já mostrava seu ímpeto evangelístico ao evangelizar seus colegas.

Em 1736, de acordo com Forrest (2020, p. 592), Whitefield foi ordenado pela Igreja da Inglaterra como diácono. Lawson (2014, n. p) diz que imediatamente Whitefield sentiu que Deus o chamara para pregar. Ele retornou a Oxford para prosseguir seus estudos e, quando começou a pregar ali, seu dom foi imediatamente reconhecido, já que as igrejas ficavam cheias de pessoas que queriam o ouvir pregar.

O sucesso de Whitefield foi instantâneo, aponta Forrest (2020, p. 592), milhares de ingleses eram atraídos por seus sermões. Porém, mesmo com sua crescente

popularidade, sem que ele esperasse, chega uma carta dos irmãos Wesley da América, convidando-o para ajudá-los na obra missionária. Ele, então, aceita o convite:

Finalmente, em 28 de dezembro de 1737, o Whittaker estava pronto a navegar até a colônia americana de Geórgia. Embora o tempo adverso atrasasse ainda mais a partida, Whitefield finalmente chegou a Savannah, Geórgia, em 7 de maio de 1738, para descobrir então que John Wesley deixara a colônia sob acusação formal por um supremo tribunal. O trabalho da missão estava totalmente destruído. Enquanto Whitefield olhava o cenário, viu grande número de órfãos, e sentiu-se compungido a construir um orfanato. Porém, um projeto ambicioso assim requereria fundos substanciais. Whitefield voltou para a Inglaterra a fim de levantar os recursos necessários em 28 de agosto, ali chegando três meses mais tarde, em 30 de novembro. Com seu retorno, Whitefield descobriu que os irmãos Wesley haviam se convertido e assumido a liderança do novo movimento emergente conhecido como Metodismo. Enquanto Whitefield e os Wesley pregavam, este dinâmico trio enfatizava a necessidade do novo nascimento. Insistiam até em dizer que muitos ministros na Igreja da Inglaterra não eram convertidos, o que causou grande celeuma. Tal ousada afirmação levou muitos líderes eclesiais a resistir ao seu trabalho. Panfletos maldosos foram circulados em oposição e rumores foram espalhados, manchando o nome de Whitefield. Portas das igrejas foram fechadas contra ele, forçando uma ousada nova estratégia. Ele evitaria completamente os edifícios de igrejas e pregaria ao ar livre (LAWSON, 2014, n. p.).

Lawson (2014, n. p.) relata que foi em 17 de fevereiro de 1739 que Whitefield pregou pela primeira vez ao ar livre, em um campo nos arredores de Bristol. Ficou em pé sobre uma pequena elevação no campo, pregando para um pequeno grupo de mineiros de carvão e suas famílias. Daí em diante, ele não parou mais de pregar em campos, e teve muito sucesso nessa empreitada. Saiu de Bristol e foi para Londres. Esse autor diz: “durante esse único verão, estima-se que, em Londres e nos condados circunvizinhos, Whitefield tenha pregado a um milhão de pessoas” (2014, n. p.).

Com sua popularidade em alta e o sucesso dos púlpitos, tomou a inesperada decisão de voltar à América do Norte. Foi nessa viagem que, segundo Forrest (2020, p. 593), começou o Primeiro Grande Despertamento, no qual a pregação de Whitefield teve participação ímpar. Whitefield, conta Lawson (2014, n. p.), fez diversas vezes, novamente, a rota Inglaterra-América e América-Inglaterra.

Foi, segundo relata Lawson, “em 16 de setembro de 1769, (que) Whitefield pregou seu sermão final em Londres” (2014, n. p.). Pouco tempo depois, ele foi novamente de navio para a América; lá, ele “pregou seu último sermão em Exeter, New Hampshire, em

29 de setembro de 1770” (LAWSON, 2014, n. p.). No início da manhã seguinte, aponta Truesdale (2020, p. 46), Whitefield faleceu por complicações respiratórias.

Champlin (2013, p. 696) afirma que certamente, Whitefield não foi um teólogo; antes, foi um pregador. Um pregador que pregou a muitos e, diversas vezes, cálculos relatam que provavelmente ele tenha pregado cerca de trinta mil sermões. Nos Estados Unidos, de acordo com Lawson (2014, n. p.), estima-se que 80% dos colonos o ouviram pregar, o que significa que ele foi mais visto pelos americanos do que George Washington. O número de pessoas alcançadas pelo seu ministério supera a inacreditável marca de dez milhões.

Segundo Stott (2003, p. 34), sua pregação era cheia de metáforas vívidas, ilustrações familiares e gestos dramáticos; ele era um pregador eloquente, zeloso e apaixonado. Por esses motivos, mantinha os auditórios deslumbrados, enquanto lhes dirigia perguntas diretas ou exortava-os com diligência a se reconciliarem com Deus.

A tais características, Truesdale acrescenta que Whitefield usava suas habilidades como ator em suas pregações: “ele encenava a vida dos personagens bíblicos, dançando, correndo, gritando e chorando” (2020, p. 45). Champlin (2013, p. 696) afirma que sua voz era agradável e atraía as pessoas. Além disso, esse autor acrescenta que “acima de tudo, expressava-se de forma a demonstrar grande zelo e intensidade, tornando-se uma espécie de protótipo dos grandes evangelistas que se seguiram” (2013, p. 696).

De acordo com Lawson (2014, n. p.), seu grande diferencial foi o fato de pregar ao ar livre. É verdade que outros já haviam feito isso antes dele, mas ninguém alcançou a estatura de Whitefield. Indubitavelmente, afirma Stott (2003, p. 34), George Whitefield foi o pregador mais influente de sua época, porém, atualmente, um contemporâneo seu é mais conhecido do público, o que se deve, em grande parte, ao fato de ele ter contribuído para a formação de uma denominação de alcance global. Esse contemporâneo foi John Wesley.

### **3. JOHN WESLEY: PIONEIRO DO METODISMO E PREGADOR INFLAMADO**

De acordo com Champlin (2013, p. 694), John Wesley nasceu em 1703. Ele foi um líder religioso inglês, fundador do metodismo, juntamente com seu irmão Charles. Dreher

conta que os irmãos Wesley “fundaram uma associação de estudantes em Oxford. Sua vida piedosa, que se orientava em regras claras e a ênfase que davam à santificação renderam-lhe o gracejo de ser “metodistas”” (2013, p. 443). Champlin (2013, p. 694) afirma que Wesley “transferiu a direção do metodismo para o estado da Geórgia, nos Estados Unidos da América (...). Exibiu grande interesse pelas missões.

Em seu diário, Wesley (2017, n. p), escreve que em 21 de outubro de 1735, ele pegou uma embarcação para Gravesend com o objetivo de alcançar a Geórgia, juntamente com seu irmão Charles. Ele escreve que ele e seu irmão Charles tomaram esse navio não com a intenção de lucrar ou obter honra, mas salvar suas próprias almas e viverem para a glória de Deus.

Porém, segundo nos conta Wesley (2017, n. p), os seus planos fracassaram. Ele foi expulso da Geórgia (devido a uma confusão por não se considerar uma senhora apta para o sacramento) em dezembro de 1737. Foi George Whitefield que continuou seu trabalho naquela região. Wesley escreve em seu diário: “despedi-me da América (embora, se isto agradar a Deus, não para sempre), indo a bordo do Samuel” (2017, n. p).

Uma semana depois de voltar para a Inglaterra, Wesley (2017, n. p.), conta que encontrou-se com Peter Böhler, um missionário morávio. Böhler foi quem pregou para Wesley a “Graça Livre”. Em seu diário, Wesley escreve que recorda desse momento da seguinte maneira:

07/02 – terça-feira (esse dia é para ser muito lembrado). Na casa do Sr. Weinantz, comerciante holandês, conheci Peter Böhler, Schullius Richter e Wensel Neiser, recém-chegados da Alemanha. Certificando-me que eles não tinham nenhum conhecido na Inglaterra, ofereci-me para conseguir um alojamento para eles, e o fiz perto da hospedaria do Sr. Hutton, onde eu estava. Desse momento em diante, de boa vontade, não perdi nenhuma oportunidade de conversar com eles, enquanto fiquei em Londres (WESLEY, 2017, n. p.).

Wesley, por influência de Böhler, começa a frequentar uma sociedade morávia na rua Aldersgate. Foi em uma dessas reuniões que ele relata que, ao ouvir a leitura do prefácio de uma obra de Lutero sobre a epístola aos Romanos, sentiu seu “coração estranhamente aquecido” (2017, n. p) e continua: “senti que confiei em Cristo — Cristo

apenas, para a salvação; e uma garantia me foi dada de que ele tinha tomado meus pecados e tinha me salvo da lei do pecado e da morte” (2017, n. p).

Schütz (1972, p.158) data a conversão de Wesley em 24 de maio de 1738. Essa conversão foi consequência da pregação dos morávios e da leitura do comentário de Lutero à carta de Romanos. A experiência da conversão de Wesley, afirma Dreher (2013, p. 443), foi modelo para o Avivamento que se seguiu, o qual enfatizava o discipulado pessoal com Jesus Cristo e a experiência da graça, traços das pregações do movimento.

Wesley (2017, n. p.) morreu em 2 de março de 1791, aos 88 anos de vida, como atestam os editores de seu diário. Durante cinquenta anos de sua vida, como atestam os editores de seu diário, “sem permissão ou obstáculo, esse apóstolo fiel da retidão ergueu sua voz; clara em sua verdade e em seus tons; pregando fielmente quase incessantemente o Evangelho” (2017, n. p.). Sobre o legado da pregação de Wesley, é necessário destacar, nos próximos parágrafos, sua pregação ao ar livre e o início da pregação feita por pessoas leigas.

Como foi observado na unidade anterior, foi George Whitefield quem iniciou a pregação ao ar livre em proporções nunca antes vistas. Quando George apresentou essa ideia para Wesley, este rejeitou a ideia, tendo-a como loucura. Na opinião inicial de Wesley (2017, n. p) isso seria uma conduta inconveniente para um clérigo de uma igreja estabelecida. Porém, John Wesley foi convencido a se submeter à pregação ao ar livre. Ele conta:

2/04 – segunda-feira. Às quatro horas da tarde, me submeti a ser mais desprezível, “Ainda mais desprezível me farei, e me humilharei aos meus olhos”, e proclamei, nas estradas, as boas-novas da salvação, falando de uma pequena elevação do terreno, junto à cidade, para aproximadamente três mil pessoas. A Palavra, sobre a qual eu falei, foi essa (é necessário que alguém seja ignorante para que seja cumprida, em toda a verdade, a ministração de Cristo?): “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, restaurar a vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos; e apregoar o ano aceitável do Senhor (WESLEY, 2017, n. p).

Foi ao aceitar pregar ao ar livre que Wesley pôde dizer uma das suas mais famosas frases, a de que “o mundo todo como minha paróquia” (2017, n. p.). Com isso, Wesley quis dizer “que, em qualquer lugar que eu esteja, julgo adequado, correto e meu

sagrado dever declarar, a todos que estiverem desejosos de ouvir, as boas-novas da salvação” (2017, n. p.).

Wesley, certamente, não foi um teólogo sistemático, como afirmam Burtner e Chiles (1995, p. 5), porém, segundo Souza, “seria grave equívoco sustentar que o movimento wesleyano não tinha teologia ou que Wesley se desinteressou pela reflexão teológica” (2008, p. 125), mas, talvez, apontam Burtner e Chiles, “a fonte mais compensadora da teologia de Wesley sejam os seus sermões, os quais foram pregados ao povo mais simples” (1995, p. 5-6).

Segundo Burtner e Chiles (1995, p. 5-6), os sermões de Wesley eram lógicos, sucintos e conduziam a análises doutrinárias profundas; Wesley é lembrado, segundo Souza, como “evangelista, organizador, educador, líder religioso, reformador social e pregador inflamado” (2008, p.125).

Segundo Dreher, outra característica importante no movimento iniciado por Wesley é que “o metodismo é o ministério do pregador leigo” (2013, p. 443). Esse ministério entre os leigos surgiu devido à necessidade de expandir a pregação metodista. Ideia que Wesley (2017, n. p.) não aceitou com facilidade, mas as necessidades clamavam por mais evangelistas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O século XVIII trouxe para a pregação grandes inovações, como a pregação em massa ao ar livre e a plena utilização de pregadores leigos, como também trouxe grandes pregadores, tais como o brilhante teólogo Jonathan Edwards, o evangelista George Whitefield e o metodista John Wesley.

O Grande Despertamento, que foi impulsionado pelas pregações de Edwards, Wesley e Whitefield, se estendeu por todos os Estados Unidos. Graças a esses homens, não era mais necessário ser membro formal do clero para pregar. Quando o Primeiro Grande Avivamento deu lugar ao Segundo, afirmam Vanhoozer e Strachan (2016, p. 120), isso levou ao fortalecimento de denominações recém-criadas (Batista e Metodista) e ao crescimento de pregadores itinerantes por todos os Estados Unidos da época, que posteriormente, segundo Campos (2014, p. 78), iniciaria e influenciaria o Evangelicalismo brasileiro.

## 5. REFERÊNCIAS

BEEKE, Joel R. **Pregação reformada**: proclamando a palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus. São Paulo: Fiel, 2019.

BURTNER, R.W.; CHILES, R.E. **Coletânea da teologia de João Wesley**. Rio de Janeiro: Instituto Metodista Bennett, 1995.

CAMPOS, Leonildo S. O Protestantismo de Missão no Brasil, cidadania e liberdade religiosa. **Educação & Linguagem**, v. 17, n. 1, jan.-ju, p.76-116, 2014.

CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2013. v.6.

DREHER, Martin N. **História do povo de Jesus**: uma leitura latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

EDWARDS, Jonathan. Sermões **de Jonathan Edwards**: incluindo o sermão “Pecadores na mão de um Deus irado”. Joinville: Clube de Autores, 2014.

FORREST, Benjamin K (et al.). **A história da pregação**: dos apóstolos aos revivalistas, Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. v. 1.

LAWSON, Steven J. **As firmes resoluções de Jonathan Edwards (Um Perfil de Homens Piedosos)**. São José dos Campos Fiel, 2010.

LAWSON, Steven J. **O zelo evangelístico de George Whitefield (Um perfil de Homens Piedosos)**. São José dos Campos: Fiel, 2014.

MARSDEN, George. **A breve vida de Jonathan Edwards**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

MCGRATH, Alister. **Revolução protestante**. Brasília: Palavra, 2012.

PACKER, J. I. **Entre os gigantes de Deus**: uma visão puritana da vida cristã. São José dos Campos: Fiel, 1996.

SCHÜTZ, Werner. **Geschichte der christlichen Predigt**. Berlim: Walter de Gruyter, 1972.

SOUZA, José Carlos de. Fazendo Teologia numa Perspectiva Wesleyana. In: VV. AA. **Prática e teologia na Tradição Wesleyana**: John Wesley 300 anos. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.

STOTT, John. **Eu creio na pregação**. São Paulo: Vida, 2003.

TRUESDALE, Al (org.). **Heróis da igreja**: grandes nomes da história do cristianismo: a era da reforma. São Paulo: Mundo Cristão, 2020. v. 3.

VANHOOZER, Kevin J., STRACHAN, Owen. **O pastor como teólogo público**: recuperando uma visão perdida. São Paulo: Vida Nova, 2016.

WESLEY, John. **O diário de John Wesley**: o pai do metodismo. São Bernardo: Angular, 2017.